



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A ÍNDIA FABULAR ENTRE OS EUROPEUS MEDIEVAIS**

Arlison Oliveira\*

O fato mais marcante durante o período medieval europeu, no tocante ao contato da Europa com a Índia, não foi a tentativa de aculturação cristã que se estendeu por vários lugares e tempos, mas o encontro positivo com a Índia através da divulgação da versão persa (ou do seu dialeto pahlavi ou pehlevi), e posteriormente árabe, da literatura sânscrita *Pañcatantra*, hoje mais fragmentada e conhecida como *Kalila e Dimna*. E o mais curioso e não menos surpreendente, de acordo com Arthur Macdonell, é que:

[...] a melhor e mais famosa das versões do *Pañcatantra* na Idade Média foi a germânica, de Anton von Pforr,<sup>1</sup> intitulada *Das Buch der Beispiele der alten Weisen*, a qual apareceu em 1483, logo após a invenção da imprensa, e reimpressa posteriormente [em Estrasburgo]. Por um longo período ela contribuiu ao máximo com um conhecimento original por toda a Europa. [Desta forma,] ela não apenas influenciou a literatura germânica em muitos aspectos, mas foi também, ela mesma, traduzida para o dinamarquês, islandês e holandês [e iídiche, língua judaica]. Esta versão germânica estava quatro gerações distante dos árabes, desde o início da aventura ocidental do *Pañcatantra*.<sup>2</sup>

\* Doutor em História Social (USP), Prof. de Ciências Sociais da UFCG. E-mail: arilsonpaganus@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Donald Lach observa que a versão germânica de Pforr também ficou conhecida como *Seven Wise Masters* [*Os Sete Mestres Sábios*] (LACH, Donald F. *Asia in the Making of Europe*, p. 347).

<sup>2</sup> MACDONELL, A. *India's Past*, p. 123.

Tal *Pañcatantra*, por uma via semelhante – versão em persa, depois em árabe, georgiano, grego e latim –, chegou também ao Portugal medieval, juntamente com o *Dhammapada* (um dos mais famosos compêndios budistas), o *Jatakamala* e o *Lalitavistara* – escritos biográficos e aforísticos sobre Buda.

Explicitamente, a dimensão ética e universal da vida de Buda inspirou o mundo oriental e parte do Oriente Médio de muitas maneiras, tendo atravessado transversalmente a história da humanidade em basicamente três fases: **1)** o *Dhammapada* e o *Jātakamāla* seguiram as rotas do comércio oriental, percorridas pelos monges budistas no seu missionar pela Ásia até o Ocidente macedônio, grego e romano; **2)** seguiu pelas traduções e adaptações árabes, espalhando-se pelo mundo árabe até a Europa; e, finalmente, **3)** o missionar cristão acabaria por traduzir o mesmo *Jātakamāla* do árabe para o grego, quando João Damasceno (675-749) viveu na corte do califa Abdul-Malek, de Damasco, adquirindo uma versão *pehlevi* iraniana, surgida na comunidade maniqueísta de Bagdá.<sup>3</sup>

A biografia de Buda viria, assim, a ser introduzida no universo cristão a partir do século VIII, com a designação latina *Josaphat*, que descende etimologicamente do grego *Iosaph*, do georgiano, *Iodasaph*, do árabe, *Yudhasaf*, do uigur (dialeto chinês adotado pelos budistas), *Bodhasaf*, do *pāli* (dialeto indiano), *Bodhisatta*, e este, por fim, do sânscrito *Bodhisattva*:<sup>4</sup> “existência iluminada” ou “personificação da sabedoria”. Foi assim que tal biografia cristianizada entrou no Martirológio como as vidas de Josafá (Josafate) e Barlaão, atestadas, aliás, pelo *Martyrologium Romanum* de 1583.<sup>5</sup>

Tudo isso culmina, não por acaso do destino, na versão trecentista de Hilário da Covilhã (ou Lourinha): *Vida do Honrado Infante Josaphate, Filho do Rey Avenir*: uma versão cristianizada e plagiada da história de Buda e conservada em um manuscrito alcobacense; a ser publicada em 1963 por Margarida Corrêa de Lacerda – sanscritista do então Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, em Portugal.

No entanto, o Buda aqui sofrera uma translação em plagiário e uma notável metamorfose dogmática, vindo a transformar-se em um santo cristão, venerado tanto pela igreja grega como pela latina e comemorado no *Martyrologium Romanum*, em 27 de

<sup>3</sup> BEINORIUS, Audrius. ‘Buddhism in the Early European Imagination: a Historical Perspective’, p. 10.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> LACH, Donald F. *Asia in the Making of Europe*, vol. II, p. 102.

novembro e, no calendário da Igreja Ortodoxa, em 26 de agosto.<sup>6</sup> Mas não foi essa a única metamorfose que sofreu: na primeira versão persa – hoje perdida ou bem guardada no Vaticano – virara aparentemente mestre maniqueísta, e, no *Bilawharr wa Budhasaf* árabe e persa moderno, o protótipo do Barlaão e Josafá (ou Josafate) cristão, senão um santo islâmico (o que seria uma heresia contra o seu profeta Muhammad) – ao menos um deísta fervoroso exemplar.

Com ricos detalhes a respeito, dirá Audrius Beinorius:

Desde 1000 d.C., uma versão da vida de Buda sob a forma de lenda de Barlaão e Josafá influenciou o ideal ascético cristão ocidental. O monge Euthymius, do Monte Atos, traduziu do seu georgiano nativo para o grego um conto de dois santos cristãos da Índia: um eremita cristão chamado Barlaão e um príncipe convertido, o Josafá. [Portanto,] Baseado na biografia sânscrita do altamente conhecido Buda: *Budacarita*, por *Ashvaghosha* (séculos II e III d.C.) – esta é a história de renúncia de Buda – provavelmente tenha fundado aqui o encontro entre o Oeste e o caminho através dos maniqueístas da Ásia Central, aprovando a história da renúncia de Buda para os seus próprios fins [cristãos]. Um texto em árabe dessa história, traduzido do dialeto pehlevi iraniano, apareceu no século VIII na comunidade maniqueísta de Bagdá. Assim, do sânscrito *Bodhisattva* tornou-se o uiguriano *Bodhasaf*, mais tarde, o árabe *Yudhasaf*, depois o georgiano *Iodasaph*, o grego *Iosaph* e, finalmente, o latim *Josaphat*. Este texto latino foi traduzido para muitas línguas ocidentais. Embora nunca tenham sido canonizados, no século XVI para Josafá e Barlaão foram, pela demanda popular, atribuído um lugar no rol dos santos católicos romanos, sendo o seu dia 27 de novembro [ou 12 de novembro, como no Brasil]. Acreditava-se amplamente na Europa que a história de Barlaão e Josafá tivesse sido um relato da segunda conversão da Índia para o cristianismo, sendo a primeira promovida pelo apóstolo Tomé. Desta forma, a história [...] dos rudimentos da vida de Buda foi intencionalmente introduzida na Europa medieval, [e] encoberta com dogmas cristãos.<sup>7</sup>

Audrius Beinorius ainda observa que uma igreja cristã foi dedicada a Josafá em Palermo, na Sicília, enquanto a igreja de André d'Anvers, na França, guarda uma de suas enganadiças relíquias. Um dos primeiros europeus a noticiar as similitudes entre a história de Buda e a história de Barlaão e Josafá, junto à sua origem indiana, segundo Beinorius, foi o historiador português – que ajudou Camões a voltar da Índia para Portugal e, assim, poder apresentar *Os Lusíadas* – Diogo do Couto (1542-1616), em 1612. Mas a observação

<sup>6</sup> JACOBS, Joseph. *Barlaam and Josaphat: English lives of Buddha*. London: David Nutt, 1896, pp. xvi-xvii.

<sup>7</sup> BEINORIUS, Audrius. `Buddhism in the Early European Imagination`, pp. 10-11.

de Couto apontou apenas uma vida modelo de Josafá como sendo semelhante à de Buda. A união dos fatos, ou seja, a acusação de plágio e não de semelhança, veio à tona apenas com os franceses Eduoard Laboulaye (1811-1883) e Felix Liebrecht, em 1859.<sup>8</sup>

Philip Almond aponta que a história de Buda, juntamente com sua ideia ascética, foi, portanto, “uma força positiva à vida [sobrevivência e nova cosmovisão] do cristianismo”. No entanto, a partir desse plágio dogmatizado e da tradição que se manifestou com Josafá e Barlaão, motivou-se o terror das perseguições antipagãs e heréticas na Europa – induzidas na obra –, assim como o monasticismo e o celibato acentuado, até então inexistentes no cristianismo, como métodos eficazes de salvação da alma.<sup>9</sup> Além disso, John Hirsh apontou acertadamente a atmosfera de “perseguição e intolerância” a partir da violação e descaracterização de tal apanágio budista.<sup>10</sup> Comparando-os, Monique Pitts nos diz: “para Buda a meta era atingir a iluminação perfeita [*Buddhahood*], [enquanto] para Josafá o ascetismo era a preparação para o mundo real, [ou para] aquele [mundo] que não pode ser visto”.<sup>11</sup>

Em outras palavras, a igreja romana tomou a virtude búdica como modelo de santidade e, como tal, foi aceita e aprovada por Gregório III, Xisto V, Urbano VIII, Alexandre VII e Pio IX; além de introduzir fartos exemplos morais nas obras *Gesta Romanorum*, *Vitae Patrum*, *Vitae Sanctorum* e *Disciplina Clericalis*.<sup>12</sup>

Desse mesmo plágio cristão da vida de Buda, diz Theodor Gerrat, Shakespeare adaptou vários apólogos budistas. Dois deles, aponta Gerrat, são a “lenda dos três baús” (também encontrada no *Decamerão* de Boccaccio) e a “libra de carne”, utilizada magistralmente por Shakespeare em *The Merchant of Venice* [*O Mercador de Veneza*], uma peça que relata os contrastes do espírito humano, escrita entre 1596-1598 e famosa por seus dois personagens principais: Antônio, o mercador, e Shylock, o agiota judeu. Uma de suas cenas, aliás, foi parodiada na peça *O Auto da Compadecida* do paraibano Ariano Suassuna – também transformada em filme.

<sup>8</sup> PITTS, M. ‘Barlaam and Josaphat’, p. 3.

<sup>9</sup> ALMOND, Philip. *The Buddha of Christendom*, p. 406.

<sup>10</sup> HIRSH, John (ed.) *Barlaam and Josaphat: A Middle English Life of Buddha*, p. xxvi.

<sup>11</sup> PITTS, Monique. *Barlaam and Josaphat: A Legend for All Seasons*, p. 10.

<sup>12</sup> IKEGAMI, Keiko. *Barlaam and Josaphat*, p. 17.

Não obstante, suscitou o *Pañcatantra* grande número de versões na própria Índia, como a versão híndi de 1030 d.C, do árabe, filósofo e matemático Al-Bērūnī (973-1048), por um lado,<sup>13</sup> e, por outro, a mais célebre, do autor *Narayana*, o *Hitopadesha* [*Ensino Salutífero*], uma das obras mais traduzidas do sânscrito para outras línguas, aquém, obviamente, dos épicos. E, apesar de ser um compêndio do *Pañcatantra*, há nele alguns contos que procedem de outras obras sânscritas. Dele surgiram diversas versões jainistas e em línguas vernáculas do Sul da Índia. Em suma, o *Hitopadesha* divide-se em quatro livros, com um total de 43 fábulas, das quais 25 são retiradas do *Pañcatantra*.

Sob o auxílio do filólogo alemão Theodor Benfey (1809-1881), a quem se deve a frase: “a Índia é a origem da civilização antiga, a qual se espalhou pela Europa junto com sua língua e histórias religiosas”<sup>14</sup> – permitimo-nos apresentar com maior precisão o descobrimento e o desenvolvimento da árvore genealógica destas fábulas. Para ele, não se há podido encontrar na Índia nenhum texto que corresponda exatamente ao *Kalila e Dimna* árabe, persa ou siríaco. No entanto, sua existência antes do século VI é certa, acrescenta Benfey; não só por este grupo de traduções, mas pela relação devedora ao célebre *Pañcatantra*, traduzido do sânscrito por Benfey (1859) em dois volumes, que, dos vários capítulos do *Kalila*, contém cinco, porém, muito mais desenvolvidos e amplificados interiormente: cada seção ou capítulo se compõe por um apólogo principal, no qual se intercalam outros vários, recitados pelos personagens da fábula e exornados com sentenças em verso.

Todavia, a maior parte destes apólogos havia servido como exemplos aos pensadores budistas, que se dirigiam à massa da população interessada recitando-a em *jatakas* (parábolas). Devemos observar que o *Pañcatantra* foi redigido em *pāli*, dialeto próximo ao sânscrito e língua dos cânones da escola budista *Theravada*, desenvolvida amplamente no Ceilão, de onde, a partir do século XI d.C, devido à “expulsão” política do budismo da Índia pelos islâmicos e filosófica por *Çaikara*, também conquistou o Camboja, a Birmânia, o Sião e o Laos. As fábulas budistas aparecem unidas, por exemplo, ao *Khuddaka Nikaya*, em sua quinta e última seção do *Sutta-pitaka* ou segunda parte do *Tripitaka*, as três coleções canônicas budistas proferidas por Buda e seus discípulos mais próximos, durante os quarenta e cinco anos da sua atividade como iluminado. Tal fato

<sup>13</sup> MACDONELL, Arthur. *India's Past*, p. 122.

<sup>14</sup> Apud. STACHE-ROSEN, Valentine. *German Indologists*, pp. 32-33.

compreende todo o conhecimento transmitido por Buda em três ocasiões e lugares distintos. Sendo elas, as fábulas, ilustradas em 547 prosas, das quais algumas têm paralelos nos épicos *Ramayana* e *Mahabharata* e nos devocionais *Puranas*, todos de origem brahmânica. Coincidentemente ou não, algumas dessas fábulas budistas apareceram logo após o segundo concílio budista em *Vaishali* (390 a.C.). Tais fábulas são conhecidas como *jatakas* ou “nascimentos”, por serem prováveis narrações de vidas anteriores do Buda.<sup>15</sup>

Isso nos leva a presumir que a maior parte destas parábolas, fábulas e provérbios é anterior ou contemporânea ao nascimento do budismo, notadamente, com sentidos diversos dos do hinduísmo, já que, para os seus ouvintes, os budistas as empregavam com uma nova roupagem moral.<sup>16</sup>

Conclui-se, então, que as fábulas indianas são milenares, ora nascentes da natural tendência da mente humana de tomar a metáfora pela realidade e as figuras de linguagem por histórias e contos, que é o ponto de vista filológico indicado por Ernst Kuhn (1846-1920) e tão vulgarizado e deturpado pelo desencantado Max Müller; ora pertencentes a uma remota e misteriosa fonte em vagas memórias da ancestral comunidade dos pensadores *āryas*, como parece indicar a presença de algumas delas em ramos descendentes e familiares; especialmente nas tradições germânicas e bem marcantes em seus famosos trabalhos literários.

Inicialmente, temos um dos marcos irreverentes da literatura europeia, *Tristão e Isolda*, do século XII, que Theodor Garratt, Moriz Winternitz, Arthur Macdonell e Donald Lach relacionam,<sup>17</sup> a partir da versão de Gottfried von Strassbourg, com a Índia via a Pérsia. Afirmam tais autores que *Tristão e Isolda* se conecta com a obra *Tutināmeḥ* persa, no sentido de uma real “ordem fraudulenta” (Garratt e Macdonell) ou falsificação (Winternitz), e que, por sua vez, é uma tradução do *Shukasaptati* indiano, uma versão do *Pañcatantra*. Em outras palavras, *Tristão e Isolda*, na realidade, nada mais é do que uma versão copiada do *Pañcatantra*, via tradução persa.

<sup>15</sup> Cf. AKIRA, Hirakawa. *History of Indian Buddhism*, pp. 79, 160, 268.

<sup>16</sup> JACOBS, J. ‘Introduction’. In: *The earliest English Version of the Fables of Bidpai*. London: D. Nutt, 1888.

<sup>17</sup> GARRATT, G. T. *The Legacy of India*, p. 24; WINTERNITZ, Moriz. *A History of Indian Literature*, p. 382; MACDONELL, Arthur. *India's Past*, p. 128; LACH, Donald F. *Asia in the Making of Europe*, p. 102.

Uma conexão visível também se apresenta entre *Kalila* e o consagrado *Beowulf*, provavelmente o mais antigo texto épico (entre os séculos VIII e XI, com referências de heróis nórdicos dos séculos V e VI),<sup>18</sup> sobrevivente dos ataques e alterações cristãs da literatura anglo-saxônica – essencialmente uma história germânica –, como nos dirá George W. Dasent em *Popular Tales from Norse Mythology*. Dasent apontará sua conexão com a Índia:

Assim, encontramos nele [no *Pañcatantra*] os originais ou os paralelos com o Grendel no *Beowulf*, de Rumpelstiltskin, da recuperação da noiva pelo anel derrubado na taça, conforme relatado no “Soria Moria Castle”, e outros contos; o do “carneiro dos desejos”, que na estória Indiana se torna a “vaca dos desejos”, e, portanto, nos lembra do touro em um dos “Norse Tales”, de cuja orelha sai o “manto dos desejos”; da criança afortunada que encontra uma bolsa de ouro embaixo de seu travesseiro todas as manhãs; e do tecido vermelho costurado por sobre o amante, como para com Siefried no Nibelungen. A estratégia de Upakosa, a esposa fiel, nos remete imediatamente ao “The Mastermaid”, e todas as estórias de Saktideva e da Cidade Dourada, e as de Viduschaka, filha do Rei Adityasena, são de mesma base e em muitos de seus incidentes iguais a “East o' the Sun, and West o' the Moon”, “The Three Princesses of Whiteland”, and “Soria Moria Castle”.<sup>19</sup>

Michael Stitt vai mais além, afirmando que não é mera coincidência a relação e o paralelismo dos mitos de dragões presentes no medievo europeu – como bem apresentado em *Beowulf* –, com a história védica (no *Rg Veda*) do deus *Indra* matando o dragão *Vrtra*: “Indra com o seu grande e mortal trovão partiu em pedaços *Vrtra*, o mais terrível dos *vrtras* [serpentes ou dragões]. Assim como troncos de árvores, quando o machado cai sobre eles, da mesma forma, caído ao chão jaz prostrado o dragão”.<sup>20</sup> Dirá Stitt:

Esta passagem, quando somada com as diversas outras referências fragmentárias da batalha de *Indra* com *Vrtra*, representa a tradição que é paralela a vários aspectos da nossa tradição medieval. O perpetrador da vilania é *Vrtra*, também conhecido como *Ahi*, ou “serpente”, um ser demoníaco compreendido como um dragão.<sup>21</sup>

<sup>18</sup> Cf. TOLKIEN, J.R. *Beowulf*, p. 127; HIEATT, A. Kent. *Beowulf and Other Old English Poems*, pp. xi-xiii.

<sup>19</sup> DASENT, G. W. *Popular Tales from Norse Mythology*, pp. 47-48. BAKER, P. S. *The Beowulf Reader*, p. 59.

<sup>20</sup> *Rg Veda*, I.32.5; ver também IV.17.7 e todos os versos anteriores e subsequentes ao referido: I.32.1-15. Cf. *RG VEDA*. By Ralph T. H. Griffith. *The Hymns of the Rgveda*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1976.

<sup>21</sup> STITT, Michael. *Beowulf and the Bear's Son*, p. 31.

Complementará Peter Baker que “a Fêmea Formidável”, dragão mãe de *Vrtra*, nos *Vedas*, antecipa o mais temível humanoide de Grendel que, por sua vez, é finalmente substituído por uma senhora de idade instável no romance de Fulk, e as águas da vida (entidades femininas) aprisionadas por uma donzela raptada.<sup>22</sup>

De acordo com Geoffrey Garratt, um século após a versão germânica de 1481, a fábula indiana foi traduzida para o italiano, e desta para o inglês por Thomas North, o tradutor de Plutarco, sendo tal tradução inglesa certamente conhecida por Shakespeare.<sup>23</sup>

Surgem também conexões semelhantes com as obras do literato realista e poeta italiano Boccaccio (1313-1375), em sua estrutura narrativa do *Decamerão*, com *The Canterbury Tales*, do pai da literatura inglesa Geoffrey Chaucer (1343-1400), e com o consagrado pai da fábula moderna, o francês La Fontaine (1621-1695). Além e após La Fontaine, outros fabulistas importantes encheram-se de deleites com os escritos de origem indiana, tais como o condecorado (pela Academia Francesa) Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794), o poeta e dramaturgo inglês John Gay (1685-1732) e os espanhóis Félix María Samaniego (1745-1801) e Tomás de Iriarte (1750-1791), os quais consagraram definitivamente o gênero fabulista na Europa; além das reconhecidas fábulas germânicas de Gotthold Lessing, no final do XVIII, e dos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), no início do XIX.<sup>24</sup>

Mas as influências não param por aí, pois, de acordo com Duncan MacDonald<sup>25</sup> e Nabia Abbott,<sup>26</sup> *Alf Lailah wa-Lailah* ou *As Mil e Uma Noites* possuem claras e profundas marcas indianas em todo o seu escopo e arranjo, bem como as histórias árabes de *Sindibād al-Bahri* ou *Sindba, o Marinheiro*. No caso de *Sindba*, uma palavra de origem persa, é mais conhecido na Europa como *Seven Sages of Rome*. O autor da obra, segundo Meisami Scott e Paul Starkey, um persa sassânida, foi marcado pelas narrativas indianas e possivelmente em versões persas, o que justifica sua influência visível.<sup>27</sup> Já para Joseph

<sup>22</sup> BAKER, Peter Stuart. *Words and Works*, p. 284.

<sup>23</sup> GARRATT, Geoffrey Theodor. *El Legado de la India*, p. 48.

<sup>24</sup> MACDONELL, Arthur. *India's Past*, p. 124.

<sup>25</sup> MACDONALD, Duncan B. 'The Early History of the Arabian Nights', pp. 371-376.

<sup>26</sup> ABBOTT, Nabia. 'A Ninth Century Fragment of the 'Thousand and One Nights'', pp. 157-178.

<sup>27</sup> MEISAMI, Julie S. & Starkey, Paul. *Encyclopedia of Arabic Literature*, p. 24.



Jacobs, o mesmo teria sido influenciado pelas famosas fábulas gregas de Esopo<sup>28</sup>; possuindo estas uma estreita similaridade com as fábulas *jatakas* budistas – algo que ele discute na sua introdução de *Aesop* de William Caxton. Opinião também defendida, mas sob a alegação de uma tradução direta do persa por parte de Esopo, por Gautamavajra Vajrācārya e Radhakamal Mukerjee.<sup>29</sup>

Prosseguindo com as relações, observa-se que dois dos contos presentes no *Hitopadesha* possuem analogias com os relatos VII, VIII e IX da *Disciplina Clericalis*, do tradutor, astrônomo e médico da corte de Afonso VI, rei de Castela e de Leão, Petrus Alphonsi, mais conhecido como Pedro Alfonso (1062-1140), que os tomou seguramente de alguma versão árabe.<sup>30</sup> Michael Barry chama a atenção para a distante origem indiana do conto de Alfonso:

[...] Passando pela Pérsia e pelo Oriente Próximo árabe, essa técnica literária chegou, na Idade Média [europeia], até a Espanha. *As Mil e Uma Noites* constituem apenas uma amostra popular desse gênero de literatura. Um exemplo mais estimado pelos próprios letrados muçulmanos é a coleção de *fabliaux* tendo como personagens animais, de *Kalila e Dimna*, de longínqua origem hindu, traduzida para o árabe culto, no século VII, pelo iraniano Ibn al-Muqaffa, através de uma tradução hebraica na Espanha, antes de influenciar La Fontaine.<sup>31</sup>

Aqui, mais uma vez, a marca da literatura indiana adentra o cenário de *As Mil e Uma Noites*.

Confirma-nos a sanscritista Valéria Mello Vargas<sup>32</sup> que o mais afamado fabulista francês do século XVII, La Fontaine, em suas *Fables*, prefácio do sétimo livro, menciona Pilpay, que, na verdade, é uma corruptela do sânscrito *vidya-pati*, “senhor da sabedoria”, epíteto de *Vishnusharma*, como o já referido autor da obra.<sup>33</sup> Mello Vargas infere que há muitas razões suficientes para considerarmos que La Fontaine possui marcas ou se baseou nas versões (de *Kalila e Dimna*) francesas *Livre des Lumières* de David Sahid, e na versão

<sup>28</sup> London: D. Nutt, 1889.

<sup>29</sup> VAJRĀCĀRYA, Gautamavajra. *Watson Collection of Indian Miniatures at the Elvehjem Museum of Art*, p. 59; MUKERJEE, Radhakamal. *The Culture and Art of India*, p. 139.

<sup>30</sup> PALENCIA, A. G. *História de la Literatura Árabe-Española*, pp. 309-310.

<sup>31</sup> BARRY, Michael. ‘A Influência dos Contos Árabes’, p. 211.

<sup>32</sup> PAÑCATANTRA. Tradução de Maria V. M. Vargas. *Pañcatantra: fábulas indianas*. SP: Iluminuras, 2004.

<sup>33</sup> Idem.

latina de Pierre Poussines (1609-1686), *Specimen sapientiae Indorum Veterum*, para compor muitas de suas fábulas;<sup>34</sup> as mesmas fábulas que contagiaram alguns dos homens da razão na modernidade europeia.

Porém, a saga de tal literatura fora da Índia começou com o rei persa Chosroes Anusharvan (531-579 d.C.), que enviou à Índia um de seus 25 médicos, Barzuyeh, em missão ao encontro de ervas medicinais que ressuscitavam mortos e propiciavam imortalidade. Como a Índia sempre manifestou e nos manifesta prodígios da razão, além das aparências, àqueles que a procuram, Barzuyeh teve uma surpresa além do esperado.

Segundo o *Shahnameh*,<sup>35</sup> “Épicos dos Reis”, considerado a certidão identitária do povo persa, Barzuyeh obteve permissão para ir à Índia em busca das ervas mágicas. Uma vez ali, encontrou tais ervas, mas as mesmas não possuíam efeitos sem a manipulação e o conhecimento adequado de suas propriedades; o que obviamente resultou em fracassos aparentes para Barzuyeh. Ansioso e com medo da reação do rei pela até então missão infrutífera, passou a consultar os *brahmanas* sobre a manipulação da mesma. Todos inclinados, logicamente, a não revelar nenhuma literatura canônica ao médico *mleccha*. Mas tratando-o como uma criança sem linhagem, conhecimento e ética védicas de fato, que de alguma forma poderia ser ajudada, disseram ao mesmo: “Há um antigo *brahmana* que nos supera em idade, ciência e sabedoria, ele poderá lhe ajudar”. Quando Barzuyeh encontrou-se com o famoso *brahmana*, lhe explicou toda a aventura em busca da erva mágica. Ao concluir sua justificativa diante do *brahmana*, este lhe replicou:

[...] eu também tive vários fracassos ao buscar com impaciência e esperança, mas quando nada demonstrava alguma luz, forçava-me a olhar com uma interpretação diferente. Pois, na realidade, a erva é o científico e a ciência é a montanha eternamente fora do alcance da multidão. O cadáver é o sem conhecimento que através do conhecimento se revive. Desta forma, te informo que na tesouraria de nosso rei há um livro que os bem qualificados [*brahmanas*] chamam de *Kalila*, e quando nos encontramos cansados da ignorância, a erva é *Kalila* e o conhecimento a sua montanha. Se buscares este livro dentre os tesouros do rei, o encontrarás. Ele será o guia para o teu conhecimento.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> SHAHNAMEH. translated by Reuben Levy and revised by Amin Banani, pp. 330-334.

<sup>36</sup> SHAHNAMEH. *The Shāh Nāma, The Epic of the Kings*, Cap. XXXI (III), p. 334.

Conseqüentemente, ao regressar da Índia, Barzuyeh apresentou uma coleção de contos, apólogos morais e populares da Índia, traduzidos por ele para o pahlavi, ao invés das ervas mágicas e terapêuticas. O original seria uma espécie de antropomorfia em sânscrito com a figuração de dois chacais, *Karataca* [“uivo espantoso”] e *Damanaka* [“vencedor”], dialogando proeminentemente entre eles e na forma de uma narrativa moral. O médico Barzuyeh intitulou sua antologia *Kalila and Damnah*, nomes dos chacais em pahlavi. Duzentos anos mais tarde, século VIII, um persa zoroastrista que se convertera ao islamismo, Abd-Allah Ibn al-Muqaffa, ministro do califa abássida de Bagdá, Almanzor, a verteu para o árabe, a partir da versão de Barzuyeh, dizendo-a *Kalilah wa Dimnah*.<sup>37</sup> Este volume teve a mais extraordinária repercussão que é possível supor para uma literatura em termos mundiais. Lembra-nos Mello Vargas que al-Muqaffa “revela no prefácio à obra, que a coletânea árabe consiste em uma reelaboração da versão em pehlevi”, do século VI, “e que esta, por sua vez, seria uma compilação de fábulas sânscritas”.<sup>38</sup> Traduzido, imitado, plagiado e comentado, deu tal fábula nascimento a centenas de histórias, lendas e contos dispersos por toda a parte, da Europa à Ásia.

Sobre o texto de Ibn al-Muqaffa, fizeram-se mais tarde adaptações em verso, uma nova tradução siríaca, versões em prosa em persa moderno, em turco e em mogol, e, ainda, através de um manuscrito egípcio levado para a Abissínia, uma versão etíope – hoje também perdida ou ocultada. Uma das três ou quatro recensões turcas existentes – a de Ali Chelebi Ibn Salih, em prosa otomana no início do século XVI, feita sobre uma versão persa e intitulada *Humayun-name* [“livro imperial”] – veio no século XVII a ser traduzida em castelhano e, em seguida, em francês.

Tal variante de Ibn al-Muqaffa foi transladada em algumas ocasiões para a língua dos hebreus: inicialmente, no século XII, pelo rabino Joel; posteriormente, no século seguinte, por Jacob Eleazer (em conversação poética e próxima da versão original). Em meados do século XIII, a pedido de Afonso X, foi transladada para o castelhano, a partir de uma resenha islâmica muito conexas à que empregara o rabino – sobrevivente via cópias do mosteiro Escorial de Madri. Se servindo posteriormente desse texto D. João Manuel, neto de Fernando III de Leão e Castela, para elaboração do seu *El Conde Lucanor*, o qual existia na biblioteca do rei Duarte, uma das vias pelas quais os fabulários indianos

<sup>37</sup> Cf. IRWIN, Robert (ed.). *The Penguin Anthology of Classical Arabic Literature*. London: Penguin Books, 2006.

<sup>38</sup> PAÑCATANTRA, p. 10.

aproximaram-se do primeiro grande dramaturgo e pai do teatro português, Gil Vicente (1465-1536).

Vicente chegou a elaborar a peça *Auto da Índia*, um sucesso na época, apesar de ser contrária, com visão mordaz, à invasão portuguesa na Índia; tendo sua primeira representação em 1509, diante da rainha portuguesa D. Leonor de Avis.

Todavia, afirmar que todas estas traduções foram feitas com o amplo rigor de outrora seria escuso, já que dificilmente tais versões, sem a austeridade e motivação brahmânica à preservação, estariam sujeitas a amputações, introduções de dogmas particulares, dentre outras adições, modificações e acréscimos ao texto original; alguns destes, retirados de outras fontes. A obra de Barzuyeh, por exemplo, contém uma espécie de apêndice, afirmando que as três primeiras narrativas são retiradas do livro XII do épico *Mahabharata (Shanti-parva)* e as cinco seguintes de uma história do “rei dos ratos e seus ministros” – do qual o original indiano se perdeu ou não se tem acesso facilmente.

Já no século XIII, o dominicano francês Jourdain de Severac (ou Jordão de Catalão), após ter sido nomeado bispo pelo papa João XXII, foi enviado à Índia para tentar fazer algum contato (invadir) e descobrir (maquinar) melhores maneiras de aculturar (destruir) os ameaçadores pagãos.<sup>39</sup> Tal bispo, em 1328, elaborou a *Mirabilia Descripta* ou uma “magnífica descrição” do Oriente, incluindo vários capítulos sobre a Índia. Mas tal descrição, longe de ser uma “magnífica descrição”, na verdade, descreve apenas a natureza (os frutos locais, espécies de animais, montanhas), e a “heresia” dos pagãos com seus rituais estranhos e (em contraste com) os mártires cristãos. Uma exemplar manifestação de estranhamento, de repúdio e de ênfase ao exotismo.

A tradução encomendada por Afonso X, em 1251, fora brindada à rainha Joana de França, esposa de Filipe, o Belo, que, por sua vez, encomendou a Ramon de Bèziers a tradução para o latim. Posteriormente, João de Cápua, sob o patrocínio do cardeal Matteo Orsini, traduziu *Kalila e Dimna* do hebraico também para o latim entre 1263 e 1278, nomeando-o *Directorium humanae vitae*.<sup>40</sup> Sob tão alto patrocínio, o *Directorium*, cujo

<sup>39</sup> TOMAZ, Luis F. ‘A Carta que Mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China’, p. 127.

<sup>40</sup> BALAGUER, Jordi Rubió. *Ramon Llull i el Lullisme*, p. 320.

autor não passava, segundo Derenbourg, de mediano, hebraizante e fraco helenista, penetrou imediatamente no cenário intelectual cristão.<sup>41</sup>

Consequentemente, o escritor e filósofo catalão Raimundo Lúlio (ou Ramon Llull, 1232-1315), que escreveu a primeira literatura catalã e a primeira novela europeia, *Blanquema* (1283),<sup>42</sup> falante e conhecedor da cultura árabe, teve contato com uma destas versões de *Kalila e Dimna*; possivelmente a latina de João de Cápua, observa Balaguer.<sup>43</sup> Llull oportunamente o transformou em pretexto para doutrinar moralmente a monarquia de seu período, servindo de catequização aos monarcas, com a elaboração, por exemplo, do *Livro das Bestas*,<sup>44</sup> dedicado ao rei Filipe IV da França. Diríamos que se configura como um plágio bem apurado e de sucesso, já que vários *Exempla* do bestiário medieval de *Kalila e Dimna* reaparecem narrativamente no *Livro das Bestas*: o papagaio, o símio, o leão e a lebre, o vaga-lume etc.

Uma vez que os exemplos originais de Llull sejam a eleição do rei e do bispo e o ermitão e o rei, por exemplo, nota-se que são modelos da adulteração dos *habitus*. Em contrapartida, os contos indianos, que foram plagiados no *Livro das Bestas*, têm uma modulagem muito mais esquemática;<sup>45</sup> no entanto, todos os protótipos relatados no *Livro das Bestas* possuem a mesma acepção moralizante, qual seja: a iniquidade da raposa (corrupção via poder) convenha de modelo para que os homens da realeza se mantenham vigilantes contra todos, inclusive seus próximos.

## CONCLUSÃO

Assim sendo, as novelas medievais, com seus heroicos cavaleiros etc., assim como as fábulas modernas, possuem, todas, uma marca profunda da literatura popular indiana. Na verdade, foi a Índia a fonte longínqua e literária do conto, apólogo, romance de cavalaria etc., que tanto encanto deram à época medieval. E, de quando em quando, aparecem outros que não podem resistir ao seu fascínio aliciante.

<sup>41</sup> DERENBOURG, Joseph. *Deux Versions Hébraïques du Livre de Kalîa et Dimnâh*. Paris: F. Vieweg, 1881.

<sup>42</sup> BLACKMORE, Josiah & HUTCHESON, Gregory S. *Queer Iberia*, p. 170.

<sup>43</sup> BALAGUER, Jordi Rubió. *Ramon Llull i el Lullisme*, p. 320.

<sup>44</sup> LÚLIO, Raimundo. *Livro das Bestas*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

<sup>45</sup> BALAGUER, Jordi Rubió. *Ramon Llull i el Lullisme*, p. 321.

Isto é confirmado por Theodor Benfey, como observamos anteriormente, um dos tradutores do *Pañcatantra*, ao pronunciar o *dictum*, em 1859, de que o grande número das fábulas mundiais, as quais foram produzidas no Ocidente, têm origem na Índia; destas, um pequeno número já havia chegado à Europa como histórias orais, antes mesmo do século X.<sup>46</sup> O filósofo e historiador britânico James Mackintosh (1765-1832), o folclorista francês Emmanuel Cosquin (1841-1919) e o historiador e crítico literário espanhol Menéndez Pelayo (1856-1912) também confirmam a Índia como uma região de origem, centro e disseminação da fábula ao mundo.<sup>47</sup> Pelayo, no mais, relata que *Kalila e Dimna* chegou a ser recitada por Ricardo, Coração de Leão, em 1195, ao censurar os príncipes cristãos que não queriam se armar para a cruzada.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, Nabia (1949). 'A Ninth Century Fragment of the 'Thousand and One Nights': new light on the Early History of the Arabian Nights'. In: *Journal of Near Eastern Studies*, v. VIII.

AKIRA, Hirakawa (1993). *History of Indian Buddhism: from Śākyamuni to early Mahāyāna*. New Delhi: Motilal Banarsidass.

ALMOND, Philip (1987). 'The Buddha of Christendom: A Review of the Legend of Barlaam and Josaphat'. In: *Religious Studies*, vol. 23, n. 3.

BAKER, Peter Stuart (1998). *Words and Works: studies in medieval English language and literature in honor of Fred C. Robinson*. Toronto: University of Toronto Press.

\_\_\_\_\_. (2000). *The Beowulf Reader*. London: Routledge.

BALAGUER, Jordi Rubió (1985). *Ramon Llull i el Lullisme*. Barcelona: Abadia de Montserrat.

BARRY, Michael (1992). 'A Influência dos Contos Árabes'. In: CARDAILLAC, Louis. *Toledo, Séculos XII-XIII. Muçulmanos, Cristãos e Judeus: o saber e a tolerância*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BEINORIUS, Audrius (2005). 'Buddhism in the Early European Imagination: a Historical Perspective'. In: *Acta Orientalia Vilnensia*. V. 6, n.º. 2.

<sup>46</sup> Apud LACH, Donald F. *Asia in the Making of Europe*, p. 100.

<sup>47</sup> COSQUIN, Emmanuel. 'Les Mongols et leur Prétendu Rôle dans la Transmission des Contes Indiens vers L'Occident Européen', pp. 337-373.

BENFEY, Theodor (1859). *Pantschatantra, fünf Bücher indischer Fabeln Märchen und Erzählungen aus dem Sanskrit übersetzt*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 2 vols.

BLACKMORE, Josiah & HUTCHESON, Gregory S (1999). *Queer Iberia: Sexualities, Cultures, and Crossings from the Middle Ages to the Renaissance*. Durham: Duke University Press.

COSQUIN, Emmanuel (1912). 'Les Mongols et leur Prétendu Rôle dans la Transmission des Contes Indiens vers L'Occident Européen'. In: *Revue des Traditions Populaires*, v. XXVII, Paris.

DANINO, Michel (1996). *The Invasion that Never was: song of humanity*. Delhi: Mother's Institute of Research & Mira Aditi.

DASENT, George Webbe (1859). *Popular Tales from Norse Mythology*. Edinburgh: Edmonston and Douglas.

DERENBOURG, Joseph (1881). *Deux Versions Hébraïques du Livre de Kalîa et Dimnâh*. Paris: F. Vieweg.

GANIN, John (2000). "Chaucer, Boccaccio, Confession, and Subjectivity". In: KOFF, Leonard Michael & SCHILDGEN, Brenda Deen (eds.), *The Decameron and the Canterbury Tales: new essays on an old question*. London: Associated University Presse.

GARRATT, Geoffrey Theodor (1950). *El Legado de la India*. Madrid: Pegaso.

\_\_\_\_\_ (2007). *The Legacy of India*. Warwickshire: Read Books.

HIEATT, A. Kent (1983). *Beowulf and Other Old English Poems*. New York: Bantam Books.

HIRSH, John (ed.) (1986). *Barlam and Iosaphat: A Middle English Life of Buddha*. London: Oxford University Press.

IKEGAMI, Keiko (1999). *Barlaam and Josaphat*. New York: AMS Press.

IRWIN, Robert (ed.) (2006). *The Penguin Anthology of Classical Arabic Literature*. London: Penquin Books.

JACOBS, Joseph (1888). 'Introduction'. In: *The earliest English Version of the Fables of Bidpai*. London: D. Nutt.

\_\_\_\_\_ (1896). *Barlaam and Josaphat: English lives of Buddha*. London: David Nutt.

LACH, Donald F (1994). *Asia in the Making of Europe*. Vol. II: A Century of Wonder. Book 2: The Literary Arts. Chicago: University of Chicago Press.

LANG, David Marshall (trad.) (1966). *The Balavariani (Barlaam and Josaphat: a Tale from the Christian East Translated from the Old Georgian*. Berkeley: University of California Press.

- LÚLIO, Raimundo (1990). *Livro das Bestas*. São Paulo: Edições Loyola.
- MACDONALD, Duncan B (1924). 'The Early History of the Arabian Nights'. In: *Journal of the Royal Asiatic Society*.
- MACDONELL, Arthur (1994). *India's Past: a survey of her literatures, religions, languages and antiquities*. New Delhi: Asian Educational Services.
- MEISAMI, Julie Scott & Starkey, Paul (1998). *Encyclopedia of Arabic Literature*. London: Taylor & Francis.
- MUKERJEE, Radhakamal (1959). *The Culture and Art of India*. New York: F. A. Praeger.
- PALENCIA, Angel Gonzalez (1928). *História de la Literatura Árábigo-Española*. Barcelona: Editorial Labor S.A..
- PAÑCATANTRA. Tradução de Maria Valéria M. Vargas (et.al) (2004). *Pañcatantra: fábulas indianas, livro I*. São Paulo: Iluminuras.
- PELAYO, Marcelino Menéndez (1905). *Origenes de la Novela*. Madrid: CSIC.
- PITTS, Monique (1981). 'Barlaam and Josaphat: A Legend for All Seasons'. In: *Journal of South Asian Literature*. Vol. XVI.
- RG VEDA. By Ralph T. H. Griffith (1976). *The Hymns of the Rgveda*. Delhi: Motilal Banarsidass.
- SHAHNAMEH (1985). translated by Reuben Levy and revised by Amin Banani. *The Shāh Nāma, The Epic of the Kings*. London: Routledge & Keegan Paul.
- STACHE-ROSEN, Valentine (1990). *German Indologists: Biographies of Scholars in Indian Studies Writing in Germany*. New Delhi: Max Mueller Bhavan.
- STITT, Michael (1992). *Beowulf and the Bear's Son: Epic, Saga, and Fairytale in Northern Germanic Tradition*. New York: Garland Publishing.
- THACKER, W (1823). (ed.). *The Oriental Magazine, and Calcutta Review*. Vol. I, Calcutta: Andrew's Library, Jan-Jun/.
- TOLKIEN, J.R (1958). *Beowulf: the Monsters and the Critics*. London: Oxford University Press.
- TOMAZ, Luis F (1991). 'A Carta que Mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China'. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVI.
- VAJRĀCĀRYA, Gautamavajra (2002). *Watson Collection of Indian Miniatures at the Elvehjem Museum of Art: a detailed study of selected works*. Wisconsin: Chazen Museum of Art.



WINTERNITZ, Moriz (1985). *A History of Indian Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass.

